

RENDA

Para BNDES, valorização do mínimo reduz desigualdade

SÃO PAULO

A polêmica em torno do real papel do salário mínimo no combate à pobreza e à desigualdade continua rendendo. Estudo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), divulgado ontem, vem em defesa do menor rendimento oficial do País, em resposta a trabalhos apresentados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pela Fundação Getúlio Vargas, que chegaram a conclusões contrárias.

O estudo do BNDES é de autoria do economista Antonio Prado, ex-coordenador técnico do Dieese, entidade que também já se manifestou a favor do mínimo como um instrumento eficaz contra a pobreza.

“O salário mínimo, em si, não é a única solução para os que estão estruturalmente fora do mercado de trabalho e que não acessam a renda através de sua atividade produtiva, mas certamente ajuda na redução da pobreza entre os trabalhadores situados na base da pirâmide social”, diz o texto.

Para o economista do BNDES, a diferença entre a média

salarial da população e a dos 25% com menor rendimento caiu de 5,4 vezes no primeiro semestre de 1995 para 4,2 vezes no mesmo período deste ano. E é justamente essa parcela dos 25% mais pobres no mercado de trabalho a “mais afetada pela política de valorização do salário mínimo”.

No caso brasileiro, “o salário mínimo tem duplo efeito, tanto através do mercado de trabalho como das transferências sociais, pois muitas delas são indexadas, por lei, ao seu valor, tanto no que se refere ao benefício quanto às faixas de renda adotadas para acessá-lo”.

Ainda segundo ele, numa referência direta aos estudos anteriores que desqualificam o papel do mínimo, “não parece haver controvérsias relevantes em relação à contribuição do salário mínimo para a diminuição da pobreza (...), mas há controvérsias em relação ao ritmo e sustentabilidade da contribuição do salário mínimo, principalmente num ambiente de restrição fiscal, conflito distributivo pelo orçamento público e baixo crescimento do PIB”.

Já o Ipea mostra que o Bolsa-Família é duas vezes e meia mais eficiente do que o mínimo.